

Notas de Livros

PEDRO NAVA, *Baú de ossos*.
Rio, Edit. Sabiá, 393 pp.

Baú de ossos? Baú de surpresas? Baú de Pandora? — Livro de linhagens, eis o que é o primeiro volume das memórias do reumatologista número 1 do Brasil, mineiro de propósito, Pedro Nava, Pedro também ele como o responsável pelo mais famoso *Nobiliário* da historiografia portuguesa, o Conde de Barcelos, filho de D. Dinis.

Em capítulo epigrafado por Mário de Andrade — “Que somos nós? / Pronomes pessoais?” — o autor explica as razões do seu interesse pela ciência genealógica. E justifica-se. Os seus motivos, *mutatis mutandis* — coincidem, curiosamente, com os mencionados tanto no Prefácio do *Livro Velho*, ou *Livro Primeiro de Linhagens*, como no Prólogo elucidativo do *Nobiliário* do Conde D. Pedro.

“Em nome de Deus, fonte e padre d'amor”, o linhagista lusitano se põe a catar e ler escrituras antigas. No intuito de

fazer cumprir o preceito dado a Moisés na *Vedra Lei* — “de amá-Lo de todo o seu sem e seu próximo como si mesmo” —, esquadrinha papéis, arrola nominatas, desenha troncos e ramos ancestrais. Com grande estudo e cuidado — engenho visa principalmente a “meter amor e amizade entre os fidalgos” da sua terra. A vista de irrefutável descendência do mesmo sangue, por títulos e alegações de nascimento, naturalmente se deixariam abrandar, “dando-se fé para não fazerem mal uns aos outros”.

Instruídos no interesse fundamental do livro, que a ricos e pobres concerne, por lei divina, aprendemos em seguida as demais razões que moveram o autor à sua redação. Avultam, entre todas, as de caráter social, já enumeradas por Alexandre Herculano quando da publicação dos *Nobiliários*. Essas escritas de família, verdadeiros registros de nascimento, casamento e óbito, resguardavam não só os sagrados preceitos da Igreja de Roma quanto à celebração de matri-

mônio "sem pecado" (livre de parentesco e de impureza de sangue), como disciplinavam as concessões feitas aos descendentes dos fundadores e provedores de mosteiros — o chamado Direito do padroado, e velavam pela boa observância da Lei da avoenga que regia a venda e alienação de bens hereditários.

Isso posto, toda e qualquer prova de parentesco requeria consulta ao indispensável Livro das famílias. Ao rol genealógico de Pedro Nava tampouco falecem essas mesmas virtudes, de sã e honrada tradição peninsular. No seu baú de ossos também se buscam respostas satisfatórias às inquietudes éticas, sociais e fisiológicas de clã, tribo e família: "devemos nos conhecer, afirmar, quando nada para saber onde casar, como anular e diluir defeitos de descendência ou acrescentá-los com qualidades e virtudes." (p. 179). Além disso, outros méritos encarecem o perfeito conhecimento da linhagem: uma justa partilha de herança, haja vista a do sempre lembrado Barão de Cacaís, requer mapa rigoroso de toda a emaranhada trama genealógica para evitar desvios e desfazer enganos. Nos tempos coloniais, quando a pureza de sangue conferia privilégios, assegurava empregos e sinecura, eximia de impostos e obrigações, nada mais necessário que a certidão de ascendência limpa e católica, destinada a

dirimir suspeitas de bastardias e laços de parentesco com "infectas nações".

O atual interesse por esses estudos invade outros territórios, já frequentados, adverta-se, pelos nossos avós. As genealogias autorizam, no sentir de Pedro Nava, o orgulho da prosápia, a validade de casta e os esnobismos de brasão e armas. As suas razões, razões pessoais de homem de ciência, têm no entanto outra procedência: sugeriram-nas os reflexos, os instintos, a genética, a zoologia inevitável. Razões de biologista, conclui. E recita, humildemente, diante da "família de várias cores, com altos e baixos, com todas as fortunas": "— Uma família como as outras, só que antiga." (p. 187). Tão antiga, é óbvio, como todas as demais. Mesmo porque o título I do Conde D. Pedro nos remete ao Paraíso e a Adão e Eva, numa severíssima tentativa de averiguação de linhagem... *Ergo*...

"Pobre homem do Caminho Novo das Minas dos Matos Gerais", Pedro Nava recuperou, ao abrir o seu baú de ossos, muita coisa além dos assentamentos de batismo, "justas núpcias" e óbitos. As suas memórias não ficam no mero registro de nomes e apelidos. Vão além: ressuscitam toda uma época com os seus costumes e usos, as suas maldades e hipocrisias. Com franqueza larga e liberdade desapaixionada refere dramas de família, crue-

zas, traições inomináveis e infâmias. Doa a quem doer, proclama a sua verdade. Defende-se, por isso, muito ajuizada-mente, ao confessar: "Cuidando dessa gente em cujo meio nasci e de quem recebi a carga que carrego (carga de pedra, de terra, lama, luz, vento, sonho, bem e mal) tenho que dizer a verdade, só a verdade e se possível toda a verdade." (p. 211).

A multiplicação da família, o seu inquieto perambular pelos caminhos do Nordeste, de Minas e do Rio, conduzem-nos por roteiros da mais variada brasilidade. O valor social e político do seu depoimento ultrapassa os limites domésticos: torna-se documento de época, de séria e aguda observação da realidade nacional. Não se detém na trivialidade das paredes da casa, *à huis clos*. Alcança a rua principal, o adro, a matriz, a botica, a prefeitura. Corre as veredas do grande sertão, aposenta-se algum tempo no sertãozinho, deslumbra-se no litoral. Atento sempre ao mundo, à cor, ao cheiro, à luz, à letra e ao espírito, à bona chira ... à vida e às suas glórias e derrotas.

O melhor comentário sobre o *Bau de ossos* já está escrito. Basta reproduzir o juízo crítico de Herculano a respeito do *Nobiliário* do Conde D. Pedro. Corrija-se apenas a referência à Idade Média e a outras emergências contemporâneas. Ei-lo,

sem tirar nem por: "Nas suas páginas sente-se viver a Idade Média; ouve-se a anedota cortesã, de amor, de vingança ou de dissolução, como a contavam escudeiros e pagens por salas d'armas; e as lendas, como corriam de boca em boca, narradas pela velha covilheira, junto do lar, no inverno. Assistimos, por meio dele, às façanhas dos cavaleiros em desagravo da própria honra, aos feitos de lealdade, às covardias dos fracos, às insolências dos fortes, e, enfim, a grande parte da vida íntima do solar do infanção, do rico-homem e do paço real, que as crônicas raro nos revelam." (*Composições várias*).

Crimes, raptos, adultérios, covardias e vilezas, também aí se "estadeiam com poderoso realismo", numa linguagem às vezes rude que lembra a muitos respeitos a "portuguesíssima escarnicação" dos textos medievais. A intimidade da família brasileira no século XIX, os seus trajés e vestidos, modos e maneira, os seus hábitos de cama e mesa, tudo se abre a escâncaras para o leitor que se surpreende (como eu me surpreendi) ante a audácia de certas revelações que comprometeriam, tempos idos, a reputação da gente bem e da pequena burguesia. A par disto, há, nas Memórias, páginas de grande lirismo e funda emoção. O poeta Pedro Nava, até hoje bissexto, nelas se derrama, compensadoramente.

Esqueçamos Proust e o sabor evocativo do chá com bolinhos. O autor crismou o próprio livro na freqüente lembrança e citação do seu romance-rio. Valha-nos a nossa tradição literária que nos transporta dos rumos do mato dentro às vias da grande Hispânia. Quem mais queira saber e aprender, leia o Nobiliário do nosso Conde de Barcelos, D. Pedro Nava, *Bau de ossos*.

A guisa de convite à leitura, visitemos com o autor a Etrúria nacional, o "círculo mágico onde se fala a língua do uai." "Língua que se escreve exatamente como o português e que se pratica com as mesmas palavras usadas no resto do Brasil — mas comportando inflexões, cadências, jeitos de frase, uns sincopados, uns sustentidos e uns estacados que nos permitem conversar diante dos demais brasileiros e até dos mineiros extremos do Norte, do Triângulo, do Sul e da Mata, num código, numa cifra, numa criptofonia — cujo sentido só

é percebido pelos iniciados do Curral, do Sabará, de Nova Lima, Caeté, Santa Luzia, Itabira, Cocais, Santa Bárbara, Mariana, Ouro Preto, Congonhas do Campo. Terras pesadas de espantos e metais. Noruegas cheias de avencas e assombrações. Montanhas inteiras de ferro. Valados socavões atulhados de ouro. Ouro de todo jeito. Preto, branco, fino, podre... Solo imantado, metálico, pulverulento, pegajoso que segurou firmemente o pé errante dos paulistas, desmanchou-lhes a prosápia, triturou-os no sofrimento, na fome, no crime, na pestilência, na cobiça, no medo, no pagode, no homizão. Ficaram na terra e foram — fomos! — ficando mineiros." (p. 103-104).

Comovida e abençoada mineirice! Que venha o segundo volume. "Poeticamente, convém recordar, a genealogia é oportunidade de exploração no tempo" (p. 186). E o tempo se abre, atrás de nós, imenso.

MARIA JOSÉ DE QUEIROZ

CAROL CHOMSKY, *The Acquisition of Syntax in Children From 5 to 10*. The Massachusetts Institute of Technology. 1969.

Trata-se do trabalho de doutoramento, sob a supervisão de Jakobson, da esposa de Noam

Chomsky, posteriormente revisito e ampliado para publicação.

A tese da autora é que, ao contrário do que se acredita, a criança de cinco anos não dominou ainda a estrutura sintática de sua língua. Esse domínio só se aproxima do adulto na idade aproximada de dez anos, embora, após os cinco anos, o processo de aquisição